

## AS MÚLTIPLAS FACES DE SANTA ÁGATA THE MANY FACES OF SAINT AGATHA

 <https://doi.org/10.23925/ua.v26i41.e57919>

Ellen Cristina dos Santos Oliveira<sup>1</sup>  
Orlando Caldeira de Farias Junior<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo vamos fazer uso de duas subáreas da Ciência da Religião: a História Religiosa e Geografia da Religião, para analisar as profusas faces de Santa Ágata por meio de suas imagens, como também, suas múltiplas devoções. Pretendemos trazer para o debate um olhar histórico-geográfico pelo devocionário à santa, verificando a historicidade e espaço geográfico do período em que viveu, como é cultuada atualmente e trazendo uma nova visão de seu martírio fazendo uso de imagens e leitura semiológica. Tendo a problematização de como e porque é vista de tantos modos, vamos buscar nessas subdisciplinas hipóteses justificando a produção do texto pelo pouco sobre Santa Ágata presente no estado da arte.

**Palavras-chave:** Santa; Martírio; Imagem; História; Paisagem.

### Abstract

In this article, we will make use of two subareas of the Science of Religion: Religious History and Geography of Religion, to analyze the profuse faces of Saint Agatha through her images, as well as through her multiple devotions. We intend to bring to the debate a historical-geographical look through the devotion to the saint, verifying the historicity and geographic space of the period in which she lived, how she is worshipped nowadays and bringing a new vision of her martyrdom. Having the problematization of how and why she is seen in so many ways, we will seek in these subdisciplines the hypotheses, justifying the production of the text by the little about Saint Agatha present in the state of the art.

**Keywords:** Saint; Martyrdom; Image; History; Landscape.

1 Mestre em Ciência da Religião. Pesquisadora do GECC – Grupo de Estudos Catolicismo e Cultura do Programa de Pós-graduação da PUC-SP.  0000-0003-3418-9641, [ellencristinasoliveira@gmail.com](mailto:ellencristinasoliveira@gmail.com)

2 Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP. Pesquisador dos grupos GECC – Grupo de Estudos Catolicismo e Cultura e NUMINA – Núcleo de Estudos Psicológicos da Religião do Programa de Pós-graduação da PUC-SP,

 0000-0001-7843-4739, [orlandocfjunior@yahoo.com.br](mailto:orlandocfjunior@yahoo.com.br)

## Introdução

Dentro da Ciência da Religião a análise do fenômeno religioso por meio da Geografia e da História não é algo habitual entre os artigos, dissertações ou teses. Fazer uso de uma leitura religiosa por meio da historicidade e do espaço é um dos objetivos de nossa pesquisa. Nosso objeto é uma mulher que a Igreja Católica a considerou Santa Ágata, mas que a sua santidade possui muitas faces.

Nosso ponto de partida para analisar o objeto será uma leitura entrelaçando Geografia da Religião e História Religiosa. Para isso, vamos ter como alicerce a fala de Milton Santos (1926-2001) de como ler o espaço por meio da História:

O uso dos objetos através do tempo mostra histórias sucessivas desenroladas no lugar e fora dele. Cada objeto é utilizado segundo equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo. Assim, a maneira como a unidade entre tempo e espaço vai dando-se, ao longo do tempo, pode ser entendida através da história das técnicas: uma história geral, uma história local. A epistemologia da geografia deve levar isso em conta. A técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como ciência histórica (SANTOS, 2006, p. 29).

Por conseguinte, esse será o ponto de partida para analisarmos o objeto. Segundo o autor, existe a história geral e a local, que acaba refletindo no espaço por meio da história. Outro objetivo de nossa pesquisa é analisar por meio do estudo de imagens da santa e seus diferentes locais de devoção, para buscar uma compreensão de como é manifestada a fé em Santa Ágata no âmbito geral e local.

Há pouco acerca de Santa Ágata nos estudos de religião. Sua devoção ocorre principalmente na Europa, principalmente na Itália, o local de seu martírio. No Brasil existem poucas paróquias que levam seu nome e, dentro do catolicismo brasileiro, não há muita menção à santa em trabalhos pastorais. Por essa razão, justificamos nossa produção devido

a poucas obras acadêmicas destinadas a esse estudo, seja o de usar a Geografia da Religião e História Religiosa para pesquisar sobre a santa.

Devido a poucos resultados no estado da arte sobre Santa Ágata, optamos por pesquisar usando a netnografia por meio de sites de Dioceses e outros que estudam a hagiografia Católica para ter essa fonte primária de dados. Faremos uso desse material coletado e do arcabouço teórico da Geografia da Religião e História Religiosa para que possamos propor no artigo nossa hipótese.

A narrativa segue a análise de discurso, tendo como base a linguista Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, que diz:

A análise do discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim, os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação (ORLANDI, 2005, p. 26).

Por isso, vamos verificar as múltiplas formas em que Santa Ágata é venerada pelos católicos e buscar uma resposta do porquê isso ocorre. Logrando êxito, propor um estudo baseado em nossa coleta de dados etnográfica e análise de imagens semiológicas.

Orlandi informa que a análise de discurso busca uma compreensão lógica de como o simbólico se materializa no imaginário, e que essa forma de estudo dos objetos não fica somente no campo interpretativo, pois vamos além do que a hagiografia e etnografia oferecem. Iremos propor uma investigação das imagens da santa de forma semiológica, sempre no contexto histórico e espacial na qual se apresenta, ou seja, analisar o período e a região em que se configurou o milagre e a contextualização da imagem de Santa Ágata.

Falando mais sobre processo metodológico, a análise de discurso é como formularemos a hipótese:

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analisa não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (ORLANDI, 2005, p. 27).

Sendo assim, nosso estudo do fenômeno religioso no qual fiéis veneram Santa Ágata vai na esteira de Orlandi: analisaremos o histórico (sua hagiografia), geográfico (locais de veneração) e social (formas de devoção). As análises são diferentes, e como propõe a autora, tem resultados significativos na pesquisa. Bebendo da fonte de Orlandi, os recortes conceituais são uma adição de análises, em que analisaremos os conceitos de *imagem semanticizada*, e por meio da análise semiológica, iremos separar as imagens nas quais os fiéis leem a vida da santa e têm seus métodos de clamar por sua intercessão. Posteriormente, entender, mediante a *paisagem religiosa*, categoria da Geografia da Religião, as manifestações espaciais reproduzidas ao longo das imagens e a própria História Religiosa, quando estudaremos a hagiografia e sua representação passado-futuro, para corroborar com a hipótese.

A hipótese será descrita ao longo do texto e como se dará sua construção. Estamos analisando que Santa Ágata foi assassinada, por isso, sua imagem não pode ser relacionada a “romantismo”. O que queremos dizer é que, sua imagem, ao longo do tempo, tem sido romantizada e não se discutiu categorias de análise como feminicídio e patriarcalismo em seu martírio. A proposta está em verificar, como informa a análise de discurso na perspectiva de Orlandi, ler o fenômeno como outros autores não investigariam. Vamos iniciar a análise exibindo, de acordo com o estudo etnográfico feito, quem foi Santa Ágata e como ocorreu seu martírio.

## 1. Quem é Santa Ágata?

Como a maioria dos santos exordiais do catolicismo, pouco se sabe sobre a origem de Santa Ágata. Também conhecida pelo título de Santa Águeda, nasceu na Itália no

século III, período de perseguição aos cristãos pelo Império Romano que estava sob o comando do Imperador Décio. Acredita-se que seu nascimento foi por volta do ano de 230, na cidade de Catânia. Foi descrita como uma bela mulher nascida de berço pecunioso, que abdicou de seus apanágios da fidalguia para viver uma vida em Cristo, trocando a vida nobre pela humildade e pobreza, e como mulher cristã, de ter uma vida casta.

Sua beleza chamou a atenção do governante da Sicília, que a pediu em casamento, porém, a jovem Ágata negou o pedido, sendo fidedigna a seus votos religiosos. Cheio de cólera, o governador condenou-a a pena de morte com a alegação de ser cristã. Nutrido de sadismo, o homem rejeitado por Ágata a torturou das mais horrendas formas: chicoteou-a, a fez caminhar sobre a brasa, a espancou, arrastou-lhe sobre cacos de vidro e a mais atroz: Ágata teve os seios arrancados. Diante de angustiante momento, um bálsamo: Pedro, um dos 12 apóstolos, surge a seu encontro e profere a ela palavras de conforto, lhe dando mais força para resistir as dores.

Seguiu firme na fé, mas não resistiu as torturas. Veio a morrer em decorrência dos ferimentos no ano de 251. A história de Santa Ágata está ligada à de Santa Luzia, outra italiana martirizada no ano de 304, que também teve sua vida dedicada a castidade e negou casar-se, preferindo arrancar seus olhos a não ter o enlace matrimonial, que por suas convicções, seria o mesmo que cometer o pecado de romper sua vida casta. As histórias se cruzam quando a jovem Luzia levou sua mãe, acometida de uma grave enfermidade, ao túmulo de Santa Ágata para rezar. Segundo a lenda, a mãe de Luzia ficou curada.

O que definiu Santa Ágata e Santa Luzia como santas foi o martírio. Silva nos traz que “na Antiguidade, o santo é o mártir, que derramou seu sangue pela fé” (SILVA, 2012, p. 189), mas que, “a partir do século IV, a santidade é determinada não pela morte gloriosa, mas pela vida de sacrifícios e de sofrimentos na defesa da fé cristã” (SILVA, 2012, p. 189). Desse modo, Santa Ágata foi primeiramente lembrada pela condição de mártir cristã, mas atualmente, sua imagem está atrelada à pureza e ao milagre natural durante sua morte. A pureza, que desde os tempos de Santa Ágata tem como reflexo que “as mulheres, com toda pressão para que sejam exemplos perfeitos da Virgem Maria, continuam a assumir para si esse papel” (SIRELLI; SOUZA, 2017, p. 213), ou seja, de virgens e puras, inspiradas na mãe de Jesus, exemplo maior de como uma mulher deve se portar dentro da religião.

Já o milagre, outra forma de veneração à santa, ocorreu no dia que Ágata foi martirizada. O vulcão italiano Etna estava para entrar em erupção, mas Ágata, em oração, clamou ao Deus cristão que evitasse tragédia maior, e o vulcão não transbordou suas lavas, fazendo Santa Ágata ser invocada para intercessão junto a atividades de vulcanismo e incêndios. No tocante aos fenômenos extraordinários,

considerar as crenças religiosas de alguns povos como tentativas de trazer acontecimentos **anômalos** ou **experiências** — **morte**, sonhos, fugas mentais, **erupções vulcânicas** ou infidelidade marital (...), parece ser um fato que pelo menos alguns homens — provavelmente a grande maioria — são incapazes de deixar sem esclarecimento os problemas de análise não esclarecidos, ou simplesmente olhar com assombro ou apatia para aspectos estranhos da paisagem do mundo, sem tentar desenvolver algumas noções, por mais fantásticas, inconsistentes ou simplistas que sejam, sobre a maneira como tais aspectos podem coadunar-se com seus experimentos mais comuns (GEERTZ, 1999, p. 74, grifo nosso).

Segundo Geertz, a religião acaba sendo base para justificativa de fenômenos sem explicação científica. Para os devotos, Santa Ágata durante seu martírio rezou, o Deus cristão intercedeu e o vulcão não entrou em erupção. Comum ver Santa Ágata ser venerada pelos devotos na Itália como intercessora de fenômenos ligados a catástrofes ligadas ao vulcanismo. Voltando à questão do martírio, a mutilação dos seios é vista como um ato de resistência contra a perseguição aos cristãos, como também, do papel de pureza feminina das cristãs, mas não questões como misoginia. Afirma Sá que “questões teológicas e de culto são elementos de historicidade [...], ultrapassam os marcos e limites que a temporalidade histórica impõe à compreensão dos fenômenos sociais” (SÁ, 2012, p. 293).

Segundo a historiadora, fica claro que, com o passar dos séculos, Santa Ágata teve seu papel intercessor dos fiéis católicos alterado. A mutilação sofrida pela santa traz consigo outra visão: se por um lado Santa Ágata é a protetora dos povos que habitam próximos a vulcões ativos, é conhecida também como a padroeira da mastologia. Essa pluralidade do devocional à Santa Ágata por meio da hagiografia nos traz algumas possibilidades:

Cada biografia sacra pode ser considerada uma combinatória de “virtudes” e “milagres” que, ao ser enunciada ou lida, possibilita a demarcação de uma diferença em relação às origens da comunidade de fé e, ao mesmo tempo, a indissociabilidade daquela origem, numa conferência de identidade e unidade ao grupo religioso. Em paralelo, as hagiografias também suscitam alternativas ao regime de composição do tempo e da ordem social: através do santo (uma exceção, justamente por sua notável exemplaridade), é reafirmada a incidência da ação divina na história humana (BUARQUE, 2012, p. 16-17).

Estudar a hagiografia dos santos católicos requer uso da composição do tempo e da ordem social. No cristianismo primitivo, para ser santo bastava o martírio. Com o passar dos séculos, a santificação passou a ser ligada por defesa da fé cristã. Nota-se “modelos adaptados do passado e construção de outros, adequados aos interesses e às necessidades de uma sociedade ávida por encontrar novos interlocutores e intercessores frente à divindade” (SILVA, 2012, p. 190).

Usando a historiadora Silva como alicerce, foi construído acerca de Santa Ágata uma devoção na luta contra o câncer de mama, sendo a principal interlocutora desse tipo de enfermidade, ocultando a questão de seu horrendo assassinato. Para mulheres acometidas desse tipo de doença recorrer a Santa Ágata é uma forma de buscar a cura. Muitas vezes, as pessoas nem sabem que Santa Ágata é invocada para intercessão a fim de evitar catástrofes de fenômenos vulcânicos naturais, e a conhecem somente como intercessora desse tipo de enfermidade. Outra forma de veneração de Santa Ágata está em Malta, nas Catacumbas de Santa Águeda. A comunidade local concedeu seu nome a um complexo de catacumbas dos séculos II e III, que serviam de sepultamento para judeus e cristãos perseguidos pelo Império Romano. Aqui, temos a sacralidade da santa e do local como descreve a geógrafa Zeny Rosendahl:

Os povos têm atribuído sacralidade a diferentes objetos, como árvores sagradas, pedras, grutas com poderes milagrosos, uma fonte que cura, um túmulo em volta do qual ocorrem milagres, no Monte das Oliveiras e inúmeros outros lugares (ROSENDAHL, 2018, p. 41-42).

A seguir vamos fazer a análise das imagens de Santa Ágata e trazer ao debate a contextualização histórica e materialização da paisagem a partir de diferentes imagens dela, usando como referencial teórico para estudo das imagens a História Religiosa e a Geografia da Religião.

## 2. As faces da santidade de Ágata

Além da hagiografia, estudar imagens e representações dos santos é uma forma de estudar o fenômeno religioso. Um caminho que usaremos será pela análise semiológica, em que “o processo de análise pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação, ou a reconstrução da imagem semanticizada” (PENN, 2008, p. 325). Vamos

aplicar a semiologia inicialmente a três imagens diferentes de Santa Ágata.

Nessa primeira imagem, vemos Santa Ágata com seu nome atrelado a uma catacumba maltesa. Já, descrevemos acima, que se trata de um local em que judeus e cristãos professavam sua fé ocultamente contra a perseguição do Império Romano e lá sepultavam seus mortos. Nela, Santa Ágata é descrita como uma mulher imponente, com coroa na cabeça, cetro e uma bíblia em mãos. Analisando os objetos, a coroa está ligada à realeza da santa por vontade de Deus, assim como a padroeira de Malta; o cetro por ser portadora das forças divinas por meio de sua intercessão e a bíblia, por ser arauta da palavra de Deus.



Fig. 1: imagem da santa nas Catacumbas de Santa Águeda

Fonte: <https://mapio.net>



Fig. 2. Santa Ágata e o vulcão Enta

Fonte: gloria.tv

Já na figura acima vemos uma Santa Ágata diferente. Observa-se na figura 1 que o fiel maltês a exalta como rainha, heroína e referência de fé. A figura 2 a apresenta como intercessora contra catástrofes naturais, tendo como plano de fundo o vulcão Etna, o maior da Europa. Para as regiões de vulcões ativos, em especial a italiana Sicília, a imagem de Santa Ágata contém em sua cabeça uma auréola, exibindo sua santidade e pureza; o ramo de palmeira na mão esquerda representa a vitória dos mártires; o ferro cortante na mão direita simboliza os seios mutilados e a tocha e o vaso acesos constitui sua intercessão como padroeira dos incêndios.



Fig. 3. Imagem de Santa Ágata e os seios mutilados  
Fonte: Elo7

Essa figura a diferencia das demais. O devocionário católico dessa imagem conduz para os lares das pessoas devotas uma imagem de Santa Ágata simples, com face sofrida e seios mutilados. Santa Ágata nessa imagem exibe ao fiel a possibilidade de cura, assim como para as mulheres que cirurgicamente tem a retirada da mama, verem a imagem de uma santificada e terem em quem se inspirar e irem em busca da recuperação. A figura 3, imagem e representação de Santa Ágata no Brasil em específico, mostra a importância do contexto histórico no estudo hagiográfico:

Percebe-se como a santidade não pode ser tomada como objeto de estudo sem estar relacionada a um contexto histórico – cultural, no qual se insere como crença que responde a dadas práticas sociais. Essa perspectiva alimenta a discussão aqui proposta sobre a hagiografia como uma escrita de memória que responde às necessidades de institucionalização do culto aos santos e santas ao longo da história do catolicismo (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2).

Até aqui, vemos nas figuras 2 e 3, uma busca em Santa Ágata por milagres, sejam eles salvíficos de catástrofes naturais ou a cura de uma enfermidade grave como o câncer. Milagre, segundo Souza,

Pode ser definido como um momento necessariamente único e irrepetível de interação entre o céu e a terra, entre o divino e o natural, no qual uma intervenção sobrenatural altera e transgride as leis da natureza, fazendo que o não poderia ocorrer, de acordo com estas leis, ocorra (SOUZA, 2013, p. 107).

Já na figura 1, vemos uma imagem protetiva da Santa. Nela, a proteção de Santa Ágata, além da obtenção de graças, busca “firmar relações vantajosas com potenciais aliados espirituais quanto combater os inimigos da raça humana” (SOUZA, 2013, p. 53), ou seja, de uma santa protetora. A priori, comparar as três imagens de locais e períodos diferentes nos mostra que “uma explicação semiológica de uma pequena amostra de imagens pode exemplificar diferentes códigos analíticos de conteúdo” (PENN, 2008, p. 339).

Mas, os seios mutilados de Santa Ágata são realmente o que chama atenção na leitura semiológica do comparativo das imagens. Do martírio cristão à cura do câncer, as mamas dilaceradas com crueldade são destaques em duas das três imagens exibidas anteriormente. Uma atenção que tivemos ao ler analiticamente as imagens foi ter:

Um primeiro cuidado que o historiador que se dedica ao estudo desse campo deve ter é atentar para que não compreenda religião no sentido único não se percebendo as diversas outras práticas religiosas presentes, ou as considerando inferiores daquelas tomadas como oficiais (PETERS, 2015, p. 95).

Estudar as imagens e tempo histórico foi fundamental para pesquisa. Outro cuidado que tivemos foi analisar a paisagem religiosa trazida pelas imagens. Segundo Rosendahl, “paisagem é reflexo do comportamento dos atores sociais em seus grupos religiosos e também marca e matriz desse comportamento cultural” (ROSENDAHL, 2018, p. 15). Gil Filho corrobora ao dizer que as paisagens religiosas são

Expressões imediatas das religiões e sua sucessão no mundo perceptual. Revelam padrões de diversificação que podem ser verificados em diferentes processos culturais vivenciados pelas comunidades de adeptos. Portanto, a paisagem fornece os elementos da realização das práticas religiosas assim como expressa as marcas da dinâmica que permite entendê-la nos seus símbolos como representação das intencionalidades da religião (2011, p. 2).

A Geografia da Religião traz uma ótica diferente para a semiologia, exibindo uma paisagem por meio das imagens. Gil Filho acrescenta que para trabalhar a categoria de paisagem religiosa, é necessário possuir “um entendimento das marcas pictóricas: um texto, **uma pintura, uma escultura**, ou seja, marcas das **representações simbólicas** que reflitam **significados religiosos**” (GIL FILHO, 2011, p. 2, grifo nosso). As práticas religiosas e símbolos propostos pelo autor por meio da paisagem religiosa se faz presentes em mais imagens com representações diferentes do martírio de Santa Ágata, como no objeto estudado, nos grifos de pintura (figura 2) e esculturas (figuras 1 e 3), e agora, apresentaremos representações simbólicas que ressignificam símbolos do devocionário a Santa Ágata:

Na figura 4, é possível ver uma imagem de Santa Ágata trazendo forte simbolismo ao seu martírio. Nela, a santa exhibe seus seios em uma bandeja, como uma oferenda de suas mamas como sacrifício à Cristo. Esse símbolo de oblação é visto em outros santos mártires, como a própria Santa Luzia, que exhibe seus olhos em uma bandeja também com a simbologia de mártir cristã, sacrificando a visão para não pecar. Quando na introdução do artigo falamos sobre romantização, é nesse sentido que estamos trabalhando, em que o seu assassinato vil é ocultado como a santificação da mulher casta, que optou por morrer a não pecar contra a castidade.



Fig. 4. Santa Ágata e os seios em oferenda

Fonte: <http://cliniCADemastologia.com>

Nas figuras 5 e 6, vemos duas iguarias europeias representando fidedignamente a mutilação dos seios da santa. Na figura 5, vemos o “pão de Santa Ágata”, muito comum na Alemanha e Áustria, servido especialmente nas festividades da santa, no dia 5 de fevereiro, data de sua festa litúrgica. Já a figura 6, é um doce muito popular entre os italianos, o *Minne di Sant’Agata*, que traduzido ao português, seriam “os seios de Santa Ágata”, uma saborosa sobremesa à base de pão de ló.



Fig. 5. Pão de Santa Ágata

Fonte: <http://heroínasdacristandade.blogspot.com>



Fig. 6. Os seios de Santa Ágata

Fonte: <https://www.cucinaartusiana.com>

Em relação ao paisagismo das imagens, a simbologia nos mostra que “o espírito do lugar religioso permanece material, a imaginação religiosa da comunidade religiosa imprime forte significado no lugar” (ROSENDAHL, 2018, p. 94). A intelectual da Geografia da Religião acresce que “a devoção religiosa na história dos homens está impregnada de símbolos e significados”. (ROSENDAHL, 2018, p. 94). Essa afirmação de Rosendahl nos ajuda a compreender os motivos de tantas formas diferentes de devoção a Santa Ágata.

As figuras 4, 5 e 6 exibem com realce os seios da santa e seu martírio como simbologia por meio da pintura e dos alimentos votivos “de forma concomitante, a experiência religiosa passava a ser concebida como um fenômeno cultural, cuja interpretação associava-se ao estudo das linguagens e das simbologias” (BUARQUE, 2012, p. 20). A popularização de Santa Ágata se deu, através dos tempos, pelo seu devocionário popular e a extirpação de seus seios foi ganhando novas releituras. De acordo com o geógrafo Souza,

As atividades e as práticas religiosas são conduzidas, ou mesmo estão inseridas, em distintos pontos do espaço geográfico. No espaço se seguem as formas que facilitam o modo de existir religioso. São localizáveis, enfatizemos, os fatos e ações religiosas, estes condensando tanto práticas individuais quanto práticas coletivas. Dito de outra maneira: o homem religioso tem a sua expressão de vida manifestada por meio de práticas espaciais diversas, seguindo direcionamentos que sugerem a presença divina no mundo (SOUZA, 2020, p. 56-57).

Imagens plurais de Santa Ágata configuram uma paisagem múltipla de práticas religiosas espaciais, que vão desde intercessão por tragédias a sobremesas, e essas dão toda uma configuração espacial aos locais. Por exemplo, em uma festa dedicada a Santa Ágata, os doces configuram o espaço em que são exibidos; já em uma simbólica data de uma tragédia com vítimas fatais de uma atividade vulcânica, manifesta-se no espaço um cenário de luto, dando outra configuração à paisagem local.

Essa leitura divinal e as manifestações propostas por Souza também auxiliam na compreensão das múltiplas formas de devoção a Santa Ágata. A seguir vamos trazer ao debate a conjunção interdisciplinar para uma nova leitura de Santa Ágata e a exibição da hipótese.

### 3. Quebrando o silêncio

Fizemos a leitura de Santa Ágata sob a ótica da História Religiosa e Geografia da Religião. Usamos essas subdisciplinas da Ciência da Religião para criar uma ponte entre a historicidade e a paisagem que Santa Ágata exhibe. A socióloga Rosalind Gill nos mostra que a análise do discurso é um enfoque de diferentes tradições teóricas e multidisciplinares (GILL, 2008, p. 242). Para a autora, a análise do discurso “não é apenas uma questão de definição, mas implica assumir uma posição dentro de um conjunto de argumentos” (GILL, 2008, p. 246). Gill nos alerta que, ao mesmo tempo em que a análise do discurso examina o empregar da linguagem, existe uma sensibilidade aos silêncios, ou seja, aquilo que não foi dito (GILL, 2008, p. 255).

Utilizando-se da análise do discurso para um estudo com distinção do que foi explorado, a historiadora Sá nos traz importante reflexão acerca da santidade de Ágata:

Efetivamente, o tempo da santidade não é o tempo da História, que, entretanto, segue procurando compreender os acontecimentos na sua dimensão terrena. A imagem e a representação do santo respondem a condições muito próprias do contexto em que se faz reconhecer um santo. Os atributos da santidade são importantes elementos no desenvolvimento e consolidação do culto ao santo. Esses atributos, que se evidenciam aos devotos, são respostas a questões apresentadas no círculo social em que se manifestam. Para que o culto seja mantido, é necessário que esses atributos continuem tendo sentido e significado (SÁ, 2012, p. 291).

Vimos no tópico anterior que Santa Ágata é santificada e invocada em diversas situações. O silêncio proposto por Gill para fazer a análise do discurso está em uma leitura de Santa Ágata ainda não feita. Segundo Buarque, entre os séculos XVI e XVII houve paulatinamente uma cisão entre exatidão histórica e a sensibilidade da literatura hagiográfica devocional (BUARQUE, 2012, p. 18). A historiadora nos mostra que:

Nesta transposição da hagiografia à autobiografia religiosa moderna, uma **diluição da presença da alteridade/transcendência** como polo de sentido da vida pessoal e social. Por esta perspectiva o religioso perde sua especificidade, vindo a imbricar-se – até mesmo a fundir-se – com a dimensão subjetiva, **numa leitura radicalmente distinta da escrita cristã** de contornos biográficos produzida em época anterior à modernidade (BUARQUE, 2012, p. 19, grifo nosso).

É possível fazer uma nova leitura da Santa Ágata pelas colocações das historiadoras Buarque e Sá. Lê-la por meio do atributo de seu martírio como a resistência ao matrimônio por sua escolha, diluindo sua santidade e contextualização Católica, nos exhibe um martírio com leitura de feminicídio e colocações extremamente machistas e sexistas, como exibimos na imagem 3. Esse silêncio em volta de Santa Ágata nos mostra uma releitura sobre seu martírio, quando iremos trazer novamente a ótica de Geertz, que diz que “o pensamento imaginário nada mais é do que construir uma imagem do ambiente” (GEERTZ, 1999, p. 57). Desse modo, as representações anteriores de Santa Ágata têm uma ambientação no imaginário baseado em diferentes períodos históricos, arquitetados nos seguintes moldes:

O primeiro passo para a solução de um problema consiste na construção de um modelo ou imagem dos “aspectos relevantes” do [ambiente]. Esses modelos podem ser construídos a partir de muitas coisas, inclusive partes do tecido orgânico do corpo, e pelo homem, por papel e lápis ou artefatos verdadeiros. Uma vez construído o modelo, ele pode ser manipulado sob várias condições e repressões hipotéticas (GEERTZ, 1999, p. 57).

Uma das representações hipotéticas proposta por Geertz poderia ser a de um feminicídio. Portanto, ao apurar por um olhar mais contemporâneo ao feminicídio de Santa Ágata, é possível percebermos um exemplo da necessidade de tratamento diferenciado quando analisamos a sexualidade e visão de sua época, pois seu martírio é resultante de sua escolha à santidade contrapondo um casamento não cristão, permanecendo casta e por conseguinte, reconhecida como santa.

O que ocorre com muitas santas e mártires católicas é a desumanização dessas mulheres antes da santificação de forma que, apenas sua imagem pura e angelical é percebida nas imagens, desaparecendo a mulher torturada e morta por sua própria cultura e época devido a sua escolha de não casar e manter a castidade. A vicissitude ocorre também na paisagem religiosa reproduzida por meio dessa leitura. Para Gil Filho,

A paisagem religiosa é, portanto, sintética onde expressão e sentido são reunidos em uma totalidade estrutural. Sendo assim, a paisagem religiosa é tanto possibilidade como projeção da ação humana. **Ela pode ser criada e recriada provocando renovadas impressões e representações** revelando a dinâmica religiosa do ser humano (GIL FILHO, 2011 p. 13, grifo nosso).

Gil Filho exhibe uma leitura espacial de Santa Ágata, e, por meio da história, analisamos essa metamorfose espacial pelas representações da santa vista por vários ângulos e vários povos, apresentando a hipótese de feminicídio. Esse termo não é só usual aqui no Brasil, pois é um termo de definição de padrão internacional: “O feminicídio é

definido pela Organização Mundial da Saúde como o *assassinato de mulheres porque são mulheres* e pela ONU como “o *assassinato de mulheres e meninas relacionado ao gênero*” (BBC, 2022). Portanto, analisando que o feminicídio foi um termo estabelecido muito tempo depois do que houve com Santa Ágata e outras mulheres, sabemos que seus algozes não poderiam ser condenados por este crime. Nesse caso, nossa hipótese ganha conotação de um “feminicídio simbólico”.

Os historiadores Prado e Silva Junior trazem para nós uma leitura da história religiosa da seguinte maneira:

O que distingue a história dos outros saberes é a sua capacidade de **ancorar-se no tempo, de lidar com os fatos**, de tratar o homem no tempo e revelar suas singularidades. A exegese das escrituras sagradas, o saber contido nos documentos, dizem das instituições, dos costumes, do que pensam e sentem os homens religiosos em seu **contexto social** (PRADO; SILVA JUNIOR, 2014, p. 8, grifo nosso).

Ler a história religiosa ancorados no tempo e revelando as singularidades é a forma que encontramos para trazer a morte de Santa Ágata nesse novo contexto. Os autores alertam que “da narrativa às fontes, a forma de se produzir a história, de compreender o objeto, sempre esteve em debate” (PRADO; SILVA JUNIOR, 2014, p. 8). A imagem de Santa Ágata martirizada como feminicídio simbólico traz uma nova compreensão do objeto, que pela ótica da história religiosa, exhibe um novo cenário,

Onde o olhar crítico e interpretativo do novo, do diferente, do singular, se consolida. Uma história de olhar atento às práticas e saberes de grupos perante a (des)ordem social. Uma história nova e disposta à reinterpretação, com estranheza, de fatos e verdades consolidadas, lançando outro olhar para o passado. Que busca a compreensão das práticas discursivas religiosas e do modo como essas linguagens são produzidas e articuladas (PRADO; SILVA JUNIOR, 2014, p. 23).

Descortinar o silêncio sobre a imagem 3 em específico e, fazer uma decodificação das tribulações de Santa Ágata por meio da interdisciplinaridade foi a vereda que utilizamos para compor a análise do discurso desse artigo, pois ela (análise do discurso) **“não pode ser usada** para tratar os mesmos tipos de questões como os **enfoques tradicionais**. Ela sugere, ao invés, **novas questões ou maneiras, de reformular as antigas**” (GILL, 2008, p. 245, grifo nosso).

Alicerçado na autora, trouxemos um novo questionamento sobre Santa Ágata, onde por meio de um viés histórico e geográfico, observar seu martírio por uma ótica feminista. Para corroborar com nossa hipótese, recorreremos novamente o nosso referencial teórico em suas percepções: primeiramente com a História Religiosa:

A História Religiosa abre portas para espaços ainda não conhecidos. Permite análises mais aprofundadas sobre como, e até que ponto, as formas de sociabilidade dialogam com os conteúdos ideológicos dos grupos religiosos, elucidando as curvas de cada fenômeno, além de seus ritmos, rupturas e continuidades. Permite interpretar os processos de degradação e fluxos de transição das culturas religiosas, revelando uma tipologia dos modelos de religiosidade de cada época, em suas diversas estruturas cognitivas, imaginárias e **simbólicas** (PRADO; SILVA JUNIOR, 2014, p. 23, grifo nosso).

Com a História Religiosa podemos analisar espaços ainda não conhecidos. Como usamos de justificativa para a produção deste trabalho a pouca produção do estado da arte em relação não só a Santa Ágata, mas a discussão sobre o silêncio em relação a ações propedêuticas que deveriam ser levadas em catequeses e homilias, vemos que a História traz com o tempo presente símbolos baseados em modelos de época.

Para concluir o tópico, vamos usar a Geografia da Religião e a fala de Milton Santos, “o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada. Essa dialética concreta também inclui, em nossos dias, a ideologia e os **símbolos**” (SANTOS, 2006, p. 81-82, grifo nosso).

Quando o autor faz menção de que o espaço não se trata de uma alínea histórica,

compreendemos que “a ideologia produz símbolos, criados para fazer parte da vida real, e que frequentemente tomam a forma de objetos” (SANTOS, 2006, p. 82), ou seja,

a realidade inclui a ideologia e a ideologia é também real. A ideologia, outrora considerada como falsa, portanto, não-real, de fato não é algo estranho à realidade, nem é aparência apenas. Ela é mais do que aparência, porque é real[...]. Desse modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo. É assim que eles se dão como indivíduos e que eles participam da realidade social. Nessas condições, a totalidade social é formada por mistos de “realidade” e “ideologia”. É assim que a história se faz (SANTOS, 2006, p. 82).

Desse modo, queremos dizer que a hipótese de martírio simbólico parte de uma análise que Santa Ágata foi assassinada (realidade), vítima de misoginia pelo abjeto fator de ser mulher e de ter negado os desejos sexuais de seu algoz (ideologia). Esse misto de realidade com ideologia somados à simbologia da História Religiosa corrobora com nossa hipótese de feminicídio simbólico, construto da realidade de seu assassinato com a contemporaneidade dos estudos voltados ao feminicídio.

## Considerações Finais

Nosso intuito com esse artigo é uma proposta de leitura diferenciada de Santa Ágata, tendo o arcabouço teórico a História Religiosa e Geografia da Religião para que, por meio da análise do discurso e semiologia, possamos analisar o objeto de uma forma interdisciplinar. Temos ciência de que outras maneiras podem ser utilizadas para leitura de outros martírios, como por exemplo, Santa Luzia, além de diversas santas populares Brasil que foram mortas por motivos semelhantes ou mesmo outras maneiras de ler nosso objeto.

Propomos por meio da estrutura teórica que escolhemos uma releitura em espacial do martírio da santa, deixando em aberto outras possibilidades de análise às imagens de Santa Ágata, seja por meio de outras disciplinas pela ótica histórica ou geográfica das imagens desse artigo ou mesmo de outras, para que diferentes possibilidades possam ser analisadas.

Dentro da Ciência da Religião, entendemos como válido o estudo do fenômeno religioso também por meio da leitura semiológica de imagens, para entendermos a pluralidade de possibilidades de análise de um mesmo objeto ao selecionar, analisar e buscar na imagem elementos mais obscuros e dar a ela (imagem) uma outra conotação dentro dos estudos da religião.

## Referências

BBC. O trabalho das detetives de feminicídios pelo mundo. BBC, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60655950#:~:text=O%20femicid%20de%20casos>. Acesso em: 1 dez. 2022.

BUARQUE, Virgínia A. Castro (org.). *História da Historiografia Religiosa*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Geografia da Religião: Estudos da Paisagem Religiosa*. Disponível em: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/simposio2011/artigo1gil.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, MARTIN W; GASKELL, GEORGE (Org). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 244-270.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PENN, Gemma. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In: BAUER, MARTIN W; GASKELL, GEORGE (org). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 319-342.

PETERS, José Leandro. A História das Religiões no Contexto da História Cultural. *Faces de Clio*, v. 1, n. 1, p. 87-104, 2015.

PRADO, André Pires do; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções. *Religare*, v. 11, n. 1, p. 4-31, 2014.

ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SÁ, Eliane Garcindo de. História Religiosa: Representações e Práticas Culturais. In: BUARQUE, Virginia A. Castro (org.). *História da Historiografia Religiosa*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 182-188.

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Terezinha Maria. A Escrita Hagiográfica Medieval e a Formação da Memória dos Santos e Santas Católicos. In: *Fazendo Gênero*, 08, 2010. Florianópolis. Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2010. p. 1-9. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278263189\\_ARQUIVO\\_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf). Acesso em: 30 nov. 2021.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, Miriam Lourdes Impellizieri Luna Ferreira da. Santidade Franciscana e Cultos Cidadinos na Itália Medieval: O Caso de Assis. In: BUARQUE, Virgínia A. Castro (org.) *História da Historiografia Religiosa*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 189-200.

SIRELLI, Paula Martins; SOUZA, Marília de Oliveira. Religião e a Propagação da Ideia de Submissão da Mulher. *Revista Serviço Social em Perspectiva*, v. 1, n. 2, p. 200-208, 2017.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Espaço, Religião e Geografia. *Geografia em Questão*, v. 13, n. 1, p. 54-66, 2020.

Submetido em 10/04/2022

Aprovado em 30/03/2023